

LEITURA E ESCRITA: DESAFIOS PARA A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Lady Daiane da Conceição Soares
Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica
E-mail: dane.soares@hotmail.com

Jocelinha Macena da Silva
Egressa do curso de Pedagogia/UERN, Coordenadora Pedagógica da Educação Básica
E-mail: Jocelinha.macena.s@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem o propósito de discutir as aulas de Língua Portuguesa ministradas durante o Estágio Supervisionado, do Curso de Pedagogia do CAMEAM/UERN, enfocando o desenvolvimento do processo de leitura e escrita, que atualmente tem sido um dos maiores desafios encontrados nas escolas. Esse debate se constitui importante para a análise do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, mostrando situações reais e tentativas de melhorias na qualidade das aulas ministradas. Para embasar as discussões teóricas, nos amparamos nos estudos dos PCNS Língua Portuguesa (1997); Libâneo (1994); Vygotsky (2005); Freire (1996); Fontana e Cruz (1997); Villardi (1999), Solé (1998) e Cavalcanti (2002). Neste trabalho apontamos a necessidade de se refletir acerca da prática docente do ensino de Língua Portuguesa, abordando questões que precisam ser desveladas e analisadas, para a melhoria da qualidade do ensino oferecido, especialmente no tocante à leitura e escrita.

Palavras-Chaves: Língua Portuguesa. Leitura. Escrita.

INTRODUÇÃO

A problemática do ensino de Língua Portuguesa é uma das mais discutidas no contexto da educação e do ensino, pois é a esta que se atribui o dever de ensinar dois dos mais importantes conhecimentos na esfera educacional: a leitura e a escrita.

Sendo a leitura um elemento indispensável na sociedade atual, e sendo um dos principais desafios a ser enfrentado pela escola, torna-se essencial analisar onde estão as dificuldades relacionadas ao desenvolvimento do processo de leitura e escrita e como podemos nortear o ensino, na intenção de vencer esse desafio que se põe como um entrave na realidade educacional.

Essa meta tem sido compartilhada por muitas escolas e evidenciada em documentos que há alguns anos apontam diretrizes a serem consultadas quanto ao ensino de Língua Portuguesa. Assim, neste artigo buscamos analisar as condições que poderão mostrar caminhos que levarão ao alcance dessa meta. Para isto, nosso trabalho se fundamenta nos

estudos de Vygotsky (2005), Villardi (1999), Freire (1996), Cavalcanti (2002), Solé (1998), dentre outros teóricos que abordam as questões postas em discussão.

CARACTERIZANDO E CONHECENDO O CONTEXTO ESCOLAR

No primeiro contato com a escola, que aconteceu no mês de junho, fomos recebidos pela diretora e pela vice-diretora da escola, sendo muito bem recebidos, conhecemos a turma em que iríamos estagiar, bem como o espaço físico da escola. Esta instituição trata-se de uma escola da rede municipal de ensino, localizada na zona urbana da cidade de Pau dos Ferros/RN, com ensino de Pré-Escola e Ensino Fundamental. A escola funciona os três turnos, sendo pela manhã ensino de Pré-Escola, e anos iniciais do Ensino Fundamental, pela tarde, só Ensino Fundamental e a noite somente EJA.

Percebemos que a instituição não conta com um espaço físico amplo, pois o pátio até tem um bom espaço que é utilizado pelos alunos no intervalo, para correr, brincar, etc. Porém não há espaço para reunir a comunidade escolar, em casos como, reuniões, apresentações escolares, palestras, etc.

As salas de aulas são 06 (seis), de tamanho mediano, não possuem boa iluminação. Há três banheiros, sendo um para os meninos, um para as meninas e um para funcionários em geral. Possui uma videoteca que não funciona, e não possui biblioteca. Conta ainda com uma sala de professores e uma diretoria com espaços muito pequenos.

A clientela da escola é de classe pobre, advinda de favelas vizinhas, de sítios um pouco afastados e de ruas próximas. A escola busca a participação e acompanhamento da família, visando melhor desempenho de suas funções, porém poucas dessas têm participação ativa na escola.

Durante a fase de observação que foi realizada numa turma de 3º ano do ensino fundamental, notou-se que o trabalho da professora está mais voltado para uma prática pedagógica tradicional, onde o professor é o que sabe e os alunos os que precisam aprender. O ensino de língua portuguesa se dá como os demais, na maioria das vezes de forma mecanicista, e consiste em ensinar aos alunos a ler e escrever, além de aprender alguns conteúdos. Notou-se que a leitura não é uma prática diária, sendo que somente em algumas aulas era utilizada, ou a professora lia, ou passava na cadeira de cada aluno na tentativa de que lessem, porém a maioria não conseguia ler.

As aulas consistiam em copiar e responder atividades, não havia muitas conversas, estímulo à leitura, explicação dos assuntos. A professora afirmava que não dava tempo fazer

muita coisa porque os alunos demoravam a copiarem as atividades. E afirmava que a escola estava buscando desenvolver a leitura e a escrita dos alunos, pois este era o maior problema enfrentado no momento.

Não havia estímulo nem por parte dos alunos, nem por parte da professora, que confessava não acreditar que aqueles alunos aprendessem algo. Os alunos não faziam perguntas relacionadas às aulas, após copiarem a atividade, ficavam dispersos esperando os outros terminarem de copiar para a professora corrigir, apenas alguns, os que já sabiam ler, tentavam responder, mas acabavam se dispersando, como os demais.

A relação entre professor e aluno não era afetuosa, porém notava-se que a professora gostava daqueles alunos e que realmente gostaria que eles aprendessem, mas não tinha entusiasmo, achava que tanto fazia, dizia estar cansada, que os alunos não queriam nada.

Apesar de fazer muito barulho os alunos não brigavam e não diziam palavrões. Quanto à disciplina a professora tinha domínio da classe, os alunos a obedeciam. Alguns eram rotulados, os mais danados, outros os que sabiam ler, outros os que não sabiam de nada, outros os bonzinhos, etc.

A sala de aula tinha espaço e cadeiras suficientes para a turma, tinha um cantinho da leitura que não era utilizado para momentos de leituras. Havia algumas prateleiras com livros didáticos, cartazes nas paredes, o alfabeto em maiúsculas e as cadeiras eram organizadas em fileiras.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUMAS REFLEXÕES

Durante o Estágio Supervisionado, fase de observação notou-se que os alunos apresentavam grandes dificuldades na leitura e escrita. Na fase de regência, foram ministradas quatro aulas de Língua Portuguesa, nestas, como já havia se diagnosticado anteriormente que o maior desafio seria quanto a leitura e escrita, e também pelo fato de a escola firmar que está realizando um trabalho voltado para o desenvolvimento da leitura e escrita, sendo este o maior objetivo para as séries iniciais, tentamos dar maior enfoque ao desenvolvimento de aulas que buscassem o interesse em desenvolver a linguagem, já que como evidenciado por Vygotsky, (.2005, p. 63) “[...] O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem”. Dada a importância à linguagem, a mesma passa a ter papel de importância fundamental no desenvolvimento intelectual da criança.

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), de Língua Portuguesa (1997) enfocam que o trabalho realizado com a língua portuguesa deve estar voltado para o desenvolvimento

do domínio da língua oral e escrita, visando o desenvolvimento integral do discente, tendo possibilidades de atuar na vida social como um ser participante e capaz: “O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso a informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.” (BRASIL, 1997, p.15)

Nessa perspectiva, pode-se notar que o desenvolvimento do processo de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, vai favorecer ao aluno passar pela escolarização sem maiores dificuldades, além disso, a leitura é fundamental não somente na escola, mas também na vida, individual e socialmente, pois:

Uma vez que o desenvolvimento da linguagem se traduz como elemento essencial ao crescimento intelectual da criança, a leitura acaba por constituir-se num fator que interfere de forma substantiva no pensamento, tornando-se, conseqüentemente, um fator determinante do bom desempenho durante e após o período de escolarização. (VILLARDI 1999, p.8)

Desse modo, fica evidente que o papel da leitura no ensino de Língua Portuguesa não é somente levar os alunos a codificar e decodificar a escrita, vai muito além disso, possibilitando um desenvolvimento integral, que vai lhe servir não somente para realizar tarefas dentro da escola mas também, e principalmente auxiliar na sua vida extra-escolar. Foi com essa visão que se buscou despertar o gosto pela leitura, pois se acredita que a mesma é uma porta que levará ao desenvolvimento de muitos outros objetivos do ensino, tais como escrever, ler, atuar criticamente, exercer cidadania, etc.

Assim, na tentativa de maior compreensão do desenvolvimento das aulas, bem como para melhor situar às discussões apresentadas, passaremos a descrever as quatro aulas ministradas, buscando-se discutir questões importantes que surgirão ao longo dos relatos.

Em todas as aulas, inclusive nas aulas que não eram de Língua Portuguesa, criamos um momento para a leitura, este momento geralmente se dava no início de cada aula, e foi denominado na classe de “a hora da leitura”. Todos os dias na hora da leitura buscávamos despertar o interesse dos alunos pelo livro que ia ser mostrado e lido.

Neste sentido, conversas sobre a parte estética do livro, quem escreveu, quem desenhou, como é essa capa, é bonita ou feia, eram questões sempre presentes, além desses comentários antes de ler, algumas perguntas promoviam discussões acerca do que se achava que havia ali dentro do livro, que história seria aquela, e os desenhos? Notamos por esses momentos a importância de se levantar o interesse pela leitura, assim: “Nenhuma tarefa de

leitura deveria ser iniciada sem que nas meninas e meninos se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontram sentido” (SOLÉ, 1998, p. 91). Depois desse ritual, começávamos a leitura, era impressionante como aqueles alunos ficavam escutando aquelas palavras, esperando o que realmente ia acontecer, também percebíamos que além de escutar havia grande interesse de se ver as figuras e pegar no livro.

Nesses momentos percebia-se a falta que fazia naquela escola uma biblioteca, onde os alunos tivessem a possibilidade de ter contato com livros. Sendo uma clientela de classe pobre, advinda de um bairro, conhecido como “a favela” pelas redondezas da escola, provavelmente aqueles alunos não tinham muitas oportunidades de ter livros de histórias infantis para ler em casa. Apesar de a maioria da classe não dominar a leitura e a escrita, o contato com livros certamente favoreceria ao desenvolvimento dessas habilidades.

Desse modo, percebemos que:

Há que se desenvolver o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor para toda a vida. Tal tarefa, no entanto, requer inicialmente que a leitura seja tratada naquela perspectiva mais ampla, e também que o material seja capaz de levar o aluno a descobrir a sua capacidade libertadora e criativa. (VILLARDI, 1999, p. 11).

Desenvolver o gosto pela leitura tornar-se tarefa essencial para os demais aprendizados que se deseja para os alunos, uma vez que o processo de leitura já não pode mais ser encarado como a capacidade de decodificar, mas vai muito além, tendo papel de libertar, sendo que podemos afirmar que a prática docente direcionada para a leitura que não vise o despertar do interesse pelo gosto de ler, torna-se uma prática fragmentada que pouco vai contribuir no processo de ensino e aprendizagem, e como nos mostra Cavalcanti (2002, p. 121): “[...] ler não deve ser apenas uma habilidade ou uma forma de se adquirir conhecimento, pois o ato de leitura deve ser ampliado no sentido de remeter o indivíduo para múltiplos significados.”

Na primeira aula de Língua Portuguesa, o livro escolhido para leitura foi “a raposa e o canção”, uma fábula cordelizada, uma história muito conhecida que foi enriquecida pelas características do cordel, sendo a história toda rimada, os alunos escutavam cada detalhe, não se ouviu um barulho sequer. Depois da leitura, todos queriam contar que já viram raposas, rolinhas, lavadeiras, diversas histórias de seu cotidiano, foram contadas pelos alunos. Neste momento, foi difícil escutar porque todos tinham algo a dizer. Assim fizemos combinados de levantar a mão quem quisesse falar, pois desse modo todos podiam falar e seriam escutados.

Nem sempre esse combinado funcionava, mesmo assim, notamos que estes momentos foram de muita expressão, sabiam e tinham interesse de se expressar.

Na sequência da aula, realizamos uma atividade escrita de compreensão do texto lido, nesta, as dificuldades mostraram-se maior, pois os alunos não tinham o costume de ler e responder as atividades propostas, ao contrário, esperavam que o professor fosse dar as respostas no quadro para que pudessem copiar. Muitos não sabiam ler e mesmo com a ajuda do professor, não conseguiam responder a atividade porque conseqüentemente não sabiam escrever sem ser copiando.

Aqui surgem vários questionamentos, talvez seja o momento mais crítico do ensino de Língua Portuguesa, o que pode um professor fazer com o ensino de língua portuguesa numa turma de 3º ano, na qual, de 26 alunos apenas três sabem ler, alguns estão quase lendo e a maioria não ler nada, alguns nem sequer conhecem as letras do alfabeto. O que foi feito nos demais anos de escolaridade? Diante da diversidade qual o rumo a ser seguido?

A essas perguntas buscamos maior discernimento de como proceder nas aulas seguintes em Freire, quando aborda que:

Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar. (FREIRE, 1996, p. 76-77)

Com esse intuito, encaramos a constatação da realidade como um desafio a ser vencido, dada a curta duração do estágio, possivelmente não se conseguiria mudar aquela realidade no sentido de fazer com que os alunos que não conheciam as letras do alfabeto aprendessem a ler, pois esse processo demandaria mais tempo. Porém, o que tentamos foi mudar as perspectivas, o aluno que não sabe pode aprender e é tão capaz quanto aquele que já sabe. Assim, a constatação da realidade não tem o objetivo de conhecer, se adaptar e nada fazer, mas de conhecer e partir desse conhecimento direcionar melhor a prática docente no intuito de contribuir com a mudança da realidade constatada.

Depois de corrigir a atividade escrita foi proposta uma atividade onde os alunos deveriam, a partir de ilustrações construir coletivamente uma fábula. Nesta atividade os alunos iam se expressando oralmente, dizendo o que ia acontecer na sequência da história que estavam criando. Não houve nesta atividade nenhuma dificuldade na maioria da turma, ao contrário os alunos mostraram-se entusiasmados em criar uma história, apenas alguns não quiseram falar.

Na medida em que os alunos iam sugerindo o que iria acontecer, o professor ia copiando no quadro, depois os alunos também copiaram e pintaram os desenhos. Nesta atividade percebemos maior envolvimento dos alunos, estavam atentos a cada detalhe da ilustração. Observamos que não deixaram escapar nenhum detalhe, nas figuras, quanto ao tempo dos acontecimentos, o local, as emoções transmitidas pelas imagens das personagens, etc. A tudo fizeram menção na história contada. É interessante ressaltar como as atividades orais podem mostrar o quanto os alunos são capazes de criar, como têm capacidade, não é porque não sabem ler e escrever que não possam produzir textos.

Nesta perspectiva, podemos notar como se faz importante considerar a participação do aluno na condução das aulas, sendo que podemos na prática docente ouvir o que os alunos têm a dizer, pois o que falta em muitas salas de aula é escutar os alunos, afinal são para eles que se pensam e planejam as aulas, assim este fator torna-se indispensável quando se busca melhorar a qualidade da aprendizagem, pois, conforme Fontana e Cruz, (1997, p. 109), “[...] Possibilitar à criança situações em que ela possa agir e ouvi-la expressar suas elaborações passam a ser princípios básicos da atuação do professor.”.

Em outra aula de português buscamos trabalhar o gênero textual convite. No início da aula como foi combinado, teve a hora da leitura, observamos que antes de começarmos esse momento os alunos já perguntavam, hoje tem a hora da leitura? O livro trabalhado nessa aula foi um conto: “o pescador, o anel e o rei”, como na outra aula despertou o interesse dos alunos, foram momentos de conversação e contação de casos pessoais. Momentos esses muito importantes no desenvolvimento das crianças.

Depois, passamos a atividade do dia, trabalhada em grupos, sobre o que Libâneo enfoca que:

Qualquer que seja o procedimento em grupo, ele deve procurar desenvolver as habilidades de trabalho coletivo responsável e a capacidade de verbalização, para que os alunos aprendam a expressar-se e a defender os seus pontos de vista. Deve também possibilitar manifestações individuais dos alunos, a observação do seu desempenho, o encontro direto entre aluno e matéria de estudo e a relação de ajuda recíproca entre os membros do grupo. (LIBÂNEO, 1994, p.171):

Assim, promover o trabalho coletivo, a expressão oral, a autonomia dos alunos, era o principal objetivo da atividade, objetivo este que não foi alcançado de forma satisfatória. Como podemos ver pelos comentários seguintes.

A atividade consistia na observação de convites, dizer suas características e socializar para os colegas. Na formação de grupos não houve dificuldades, os alunos concordaram em juntar-se ao colegas, porém no desenvolvimento foi mais complicado, não tinham noção do que seria trabalho em grupo, quando o professor explicou a atividade, não sabiam como fazer, alguns copiaram tudo o que havia escrito no convite que lhes foi entregue, outros afirmavam que não sabiam o que era características, quando o professor passou de grupo em grupo explicando, alguns alunos decidiram fazer o trabalho. Os que sabiam ler escreveram o que achavam certo.

Na sequência o professor passou para o momento de socialização, ao perguntar a cada grupo quais as características do convite, cada um foi dizendo, mas alguns não conseguiram compreender, fazendo apenas a leitura dos dados que tinham no convite, outros grupos foram falando de outras características como cores, modelo, figuras presentes, etc. Depois de escrito no quadro todas as características ditas pelos grupos, observamos as comuns em todos os modelos de convites, o professor explicou o gênero, e sugeriu que cada grupo produzisse um convite. Poucos alunos fizeram a atividade porque não sabiam ler e escrever, então quem sabia ler e escrever fez sozinho. Em alguns grupos houve colaboração no conteúdo do convite, nas ilustrações, na pintura, porém em outros não houve a trabalho grupal. Na hora de apresentar, cada grupo escolheu um representante para mostrar o convite, mas nem todos quiseram expor seu convite.

Levando em consideração as palavras de Libâneo (1994), no qual defende que a finalidade principal do trabalho em grupo é obter cooperação dos alunos entre si na realização de uma tarefa. Podemos afirmar que não se conseguiu nesta aula o alcance desse objetivo, pois como já foi mencionado não houve muita colaboração nos grupos, sendo que será preciso que haja outras atividades grupais na tentativa de reverter esse quadro. Para isso, é preciso planejar bem a ação didática para que a interação grupal realmente ocorra, como sugerido nos PCNs de Língua Portuguesa, (BRASIL, 1997).

Na terceira aula de língua portuguesa, o livro apresentado na hora da leitura foi: “Bom dia todas as cores”. Como nas demais leituras, o interesse dos alunos foi notável, relatos diversos foram ouvidos, conversas sobre como é um camaleão, se muda ou não verdadeiramente de cor, as cores preferidas, dentre outros assuntos que surgiram. É interessante notar que a turma participante, ativa, expressiva, que estava ali na hora da leitura nem parecia ser a mesma turma, dispersa em outros momentos da aula.

Na hora do planejamento, várias perguntas surgem. Como se pode manter aquele entusiasmo da hora da leitura, afinal, não se pode somente ler histórias, e as outras atividades?

É neste ponto que cabe aos professores refletir acerca das seguintes palavras de Freire (1996, p. 38): “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.” Pois, somente através da reflexão crítica, onde se desnuda a prática docente que se tem, é que se pode encontrar respostas a pergunta feita acima.

Fica então claro que é refletindo sobre o seu fazer e aprendendo nesse pensar, que se pode realizar aulas sempre entusiasmantes, não somente na hora da leitura, mas nas demais atividades, pois não podemos dizer que os alunos só gostam de ouvir histórias, muitas vezes esse entusiasmo se dá porque é somente na hora da história que o mesmo tem oportunidade de se expressar. Aqui nos reportamos a (Vygotsky, *apud*. Fontana e Cruz, 1997, p. 111), que vem trazer reflexões importantes neste sentido, para a prática docente: “O que a criança necessita, é de oportunidades para adquirir novos conceitos e palavras na dinâmica das interações verbais, mediadas pelo professor.”

Na seqüência da aula, foi abordado um gênero textual: a carta. O trabalho com gêneros textuais também é ressaltado nos PCNS de Língua Portuguesa como um importante instrumento no ensino de língua materna, pois dada a diversidade de gêneros existentes, é possível ensinar a língua sem se limitar a um conjunto de regras a serem aprendidas, mas diante da diversidade de gêneros existentes criar condições de se desenvolver a capacidade comunicativa de modo a suprir as necessidades pessoais, cabendo à escola dar acesso aos alunos a esse universo de textos que circulam na sociedade, ensinando os alunos a produzir e interpretar.

De modo geral, os alunos já possuíam algum conhecimento do que vinha a ser uma carta, assim, foi mais fácil desenvolver as atividades da aula, que consistiram em leitura de uma carta, destaque das características do gênero textual em questão, como se preenche o envelope e produção de cartas. A dificuldade encontrada aqui foi a questão de muitos alunos não dominarem a escrita, sabiam o que queriam dizer na carta, porém não sabiam como escrever.

A escola tem um projeto chamado “Correio escola”, este projeto tem como objetivo desenvolver o interesse pela leitura e escrita, além disso, proporciona situações reais onde os alunos têm oportunidade de ampliar sua competência comunicativa. A escola mostra-se assim, preocupada com a situação encontrada em relação à leitura e escrita, sabe das dificuldades apresentadas pela sua clientela e busca meios de superar.

Desse modo, cabe ao professor, dá oportunidades para que as crianças possam se expressar, agir, errar, refazer, etc., pois é a partir da observação desses momentos que o

professor pode guiar sua prática de modo a alcançar avanço no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho podemos afirmar que a formação referente à leitura e a escrita na escola atualmente é o principal objetivo que se busca, sendo que a formação da competência comunicativa se torna cada vez mais enfocada como essencial na vida das pessoas e da sociedade.

Vimos que a leitura tem o poder de encantamento, sendo uma das possibilidades que o professor tem para fazer com que os alunos se interessem e desenvolvam suas capacidades comunicativas.

O trabalho com gêneros textuais também se torna importante no ensino de Língua Portuguesa, pois através destes os alunos são levados a conhecer diversas funções da língua, conhecendo e fazendo uso da mesma, deixando de lado a visão instrumental da língua, passam a encará-la como ferramenta fundamental do cotidiano.

Nesse sentido, através das aulas de Língua Portuguesa para que seja possível desenvolver uma prática docente mais significativa, é necessário que no ensino desta, permita ao aluno expressar suas opiniões, suas interpretações, proporcionar também o contato com diversos livros e principalmente desenvolver o gosto pela leitura.

Desse modo, formar leitores, se direciona a algo mais do que formar pessoas capazes de decifrar os códigos escritos, vai além disso, significando criar condições para que o indivíduo possa atuar criticamente na sociedade, tendo possibilidades de se desenvolver e viver melhor.

Portanto, torna-se evidente a importância da leitura e da escrita no ensino de Língua Portuguesa nas escolas, já que a mesma tem papel fundamental para a formação do cidadão, visto que, é mediadora do conhecimento, além de proporcionar prazer e encantos, sendo assim, fonte de aprendizagem, riquezas e encantamentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Paulus, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONTANA, R.; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Atmed, 1998.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed. 1999.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

